

# 1

## Juízo Perfeito Furo Descabeçado

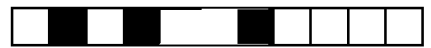
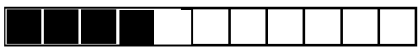
Patriotas, vos encaminho à avantajada crônica bandélica, aos bons anos da justiça, ah, escorropichando o fundo do poço – a consolação que nascera de uma tara pelo Cilício.

A história se inicia contando sobre um sujeito de nome Bandelo, que diziam ser filho de Minerva. Quem era, o que fazia, como abria a boca ao se expressar? Tinha feições de estrela, por-te, seria agradável, os empresários se uniram, alguns editores, *ah*, como cairia bem se caísse em cima daquela imprestável Jararaca, e de seus correligionários lunáticos! O nome é forte, um palavrão, ressoa, limpará o país antes que se note o artifício.

Juízes togados, antediluvianos, tomem seu lugar no limbo! E se esganem com equidade! Pois que se erigiu na Pátria – de agora – outro pendão cuja força se desconhece, uma lei inominável, mas que se pode comparar a uma caçamba, onde tudo cabe, e abarca.

Mais que um “rodão”, lavar-se-ia, com Jato de alta pressão, toda pátina da provecta política do Braxil. O herói, que dava direito à lei, aquilatando-a com soberania ímpar, é absolutista em suas empreitadas contra empreiteiras e, acima da própria Justiça, conduz o processo ao seu livre arbítrio, esbravejando sua independência magistral e áurea à força.





Agora, apenas mais alguns esclarecimentos por parte do juízo de vossa excelência.

Ele tinha a forma ideal para compor um governo, não era grande nem pequeno e, apesar de ser atarracado e retangular como um bloco de cimento, era fotogênico quando erguia o cabeçote topetudo; ah, seria deleitável admirá-lo em quadros e bustos de marfim! E iria arquitetar o Grande Muro Antiofídico contra a velha política do podre comunismo.

Além do mais, aquele topete, mais para uma heráldica crista de galo cocoricó de rinha no ringue jurídico, tinha feição lapinante, como um roedor furtivo, silente inquiridor bubônico; tais qualidades lhe conferiam uma dignidade austral, credenciais se Líder fosse.

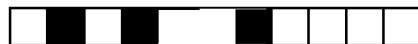
A coisa pública amoleceu sob seu elétrico martelo! O herói teve a força para forjá-la sob as intempéries da época. Seu ilustre nome, aliás, teso como o de um touro no auge de Barretus, é tão devastador quanto a usina hidrelétrica de Belo Monte! Inundando vidas e soterrando “inocentes”. Testemunhem! Mas não diante d’Ele, que é a Justiça. Escreva-se: esse sujeito imberbe e impoluto limpará o país à risca, trará à tona o que há de pior nos parasitas de Brasília, porque está em seu DNA ptolomaico a luta contra a corrupção.

Com plenas posses do juízo que me foi dado pela mortalidade evanescente, escritor cuja fama se desconhece, mas com notória paixão, apresento-vos as credenciais da Figura:

— Ex-juiz, ex-líder da Operação *Raso Agora*, ex-professor de Direito à Direita, e atual (futuro ex) Sinistro da Justiça! Cujá graça altaneira se declara como o Sr. Bandelo! Entre *nós*, o herói.

As ideias e o charme discreto do Herói, o empalador de Jararacas, a justiça heroica, o plano político, foram decisivos para abrir a Caixa2 de Pandora do Brasil, a esperança. Porque Heróis são formidáveis, benevolentes, capotam carros; ter-se-ia o Ano da virada!





Sentado em vossa mesa nova, no Palácio do Amanhecer, pondo os pés sobre ela, reinava soberano. Distinto, sua vaidade se confundia com os dons, por isso, empresários se reuniram, dando vivas, urras, oxalá! Alguns editores pensaram no irretocável abalo, sucesso de livros que causaria logo. Um juiz desse porte todo cairia bem nas rútilas capas.

“Vai lavar a jato a miséria”, *ui*, comentou o jornalista Tikim, um dos fiéis admiradores dessa lenda. Foi *top* na última entrevista, e não se duvide de seu vocabulário. Sua mulher é vaidosa, combina com o palco, tem opinião, “Ele e o Líder são uma só alma”. Aliás, a Sra. Bandelo, esposa e devota, rainha como ele, combina com o *look* dessa República. Ela exalta o Líder nas redes sociais, e não oculta sua admiração! Tinha astúcias de uma Eva, Ana, os encantos de Betsabé, de Sara ou Dalila. É perfeito, como na Bibliaw.

O Herói seria, doravante, o Senhor-Bote-Salva-Vidas no Imenso Mar de Mentiras que veicularam em papel impresso, ou digital. Além do mais, elevaria o quilate desta democracia pistola e frágil, em meio à devastação do salário-mínimo e do funk popozudo.

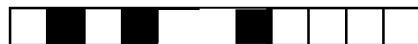
No coração lancinante da República, indubitavelmente, eles, o Sr. e a Sra. Bandelo formavam o casal ideal que ilustrariam o país Real Oficial do – Pão Nosso de cada dia!...

E não durou tanto tempo para que fosse eleito o Líder mais apto, o então novíssimo presidente. Junto dele, Bandelo foi aclamado como a maior revelação dos últimos tempos, desde Mané Garrincha, ou Batoré que o valha, e até aos altos pendões das *Mãos Limpidas*.

Da magia do futebol ao humor, sua imagem celeberrima começava a tomar conta da TV e da internet, como um vírus se propaga no seio do homem, o Herói tinha poderes.

“Quem é esse sujeito”; “Como ele chegou aqui”, e as perguntas preenchiam as telas.





O *herói*, bradavam, de verde e amarelo, distribuía autógrafos, é o *máximo*; e o boneco inflável do super-homem, como epítome, era exposto nas ruas de Olindaw, pelas suas ladeiras seculares que nem uma aberração aceitável (no dizer dos opositores invejosos) para um povo insatisfeito com as injustiças, mas “ceguíssimos”. Faça-se frevo!

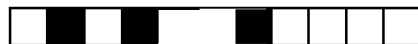
Imaginem aí o quanto heróis ralam nos dias difíceis! E, enfim, assumira o cargo que lhe exigiu vigor, pulso. Ao panteão de nomes da história do mundo, como Al Capone, Collor, Mussolini e Hitler, um Magalhães Pítton! Assim como o Líder, uma vez que eram uma só alma, idolatravam os mesmos ídolos. Ele se regozijava com o futuro de sua biografia! Só de imaginar como seria lembrado amanhã, tinha acessos de êxtase: a história do homem; do homem não, a epopeia do Herói de Curitiba! A personalidade dos séculos!

Ah, como o Herói almejava aquilo, interferir em uma eleição ao prender um ex-presidente, vulgo Jararaca. Cada mimo, a tapinha nas costas, era só um aditivo irrelevante, bem como os bonecos infláveis. Desejava muito, demais, escreveria prefácios de livros de outros juízes que o adotariam, estava com tudo o Sr. Bandelo. Mais do que um tiro no chocolate da prateleira, o Sr. Bandelo ansiava acertar o país como nunca; e em cheio, *ora*.

Seus olhinhos tremiam ao ler a última matéria encomiástica sobre si, fazia o famoso biquinho de pato, a estria na boca, pegava no queixo, relaxava, a alisar a densa crista pastosa. Na matéria lida a seu respeito, só alvíssaras: nenhuma crítica sequer, nada a declarar, tudo impecável e imaculado como no paraíso foi antes de Evaw. E aqui, neste ponto, cabe a nota: sem a mídia, o que seria do ar que ostenta o boneco inflável do Herói?

Tanto, mas tanto se vangloriou o Sr. Bandelo, que sonhou dominar muito mais! Ostentou o poder que não se encontra em nenhum lugar, canalizou-o para si, como para o Líder novíssimo... Que desejo desmesurado começava a bater do lado direito do peito...





— Se está tudo você sabe me dizer, encaminhado? – Era Ele soberano comandando.

— Mas é claro, senhor.

— Falhe não.

— Não falharei, senhor.

— Pode sair.

Ah, controlava até o ir e vir de quem o rodeava, e além! E quem se opusesse a seu plano, ou melhor, ao plano da Minha Pátria Amada e Idolatrada sem ideologia, o herói executaria sumariamente o subversor. Mas, claro, sem sujar as mãos, seria tudo dentro de sua lei luculenta, dos poderes mágicos da sua justiça esfíngica, e com a anuência do Líder.

Em seu microcosmo político, não podia haver discórdia macrocósmica nem questionamento. Estava planejado desde o início que iria conseguir o que tanto almejava, ninguém iria impedi-lo. Seus olhos fulminavam de desejo cada vez mais, e se sujeitaria até mesmo a outro país, a outra nação, a outras terras, para trair o seu, pelo bem indelével.

Perdoem-me os anjos pela palavra que acabei de proferir! “Trair”, venhamos e convenhamos, é uma palavra forte e inadequada para descrever um herói, ainda mais desse quilate. Para ele, sua operação miraculosa salvaria a nação, reescrevendo o destino dos homens, alterando o rumo dos fatos, recuperando o fôlego de uma jovem democracia.

O termo mais adequado, sem rusgas, para que fique registrado pelos bronzes das estátuas inderrubáveis dos bandeirantes benevolentes seria “salvar” – e não trair, portanto.

Reitero: declino solenemente o que disse anteriormente sobre o herói a respeito de “trair”. Leia-se, portanto, o que foi escrito, imediatamente acima, como “salvar”, registro.

Voltando à sua glória rutilante, como deveria eliminar as pragas do amado solo de camélias, logo, um Herói, precisaria se dividir em muitos, proliferar-se, como as matilhas.





Não bastava ser um só – e julgar um acusado importante sem ter o controle total do que acontecia. Se possível, poderia até mesmo... Ser justo. Agiram. As mensagens eram trocadas na velocidade da luz, na calada da noite, de dia, a qualquer hora, *apaguem essas merdas*, sempre alertava, e nas conversas presenciais, seu sagrado propósito se revelava:

— A serviço nunca do bem maior se esqueçam que estamos. Fiquem, pelamor online!

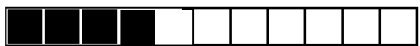
Sua vaidade bíblicaw não cabia no infinito, ou melhor, sua determinação e luta por um país melhor. Sim, tão determinado quanto uma munição .50. E tanto fez, como desfez, que conseguiu o que conseguiria muito antes mesmo de ter feito qualquer coisa acontecer. Só podia ser, como dizem os kristãos, um milagre de Deus o que conseguira até então. Porque não se pode explicar em leis humanas! Sim, suas proezas transcendem todo juízo.

Ah, para que se consumasse tanta glória, amava se ver retratado como um super-herói dos EUAW, sempre cheio de si, com um “S” estufado no meio do peito encovado, crente de suas certezas. Aliás, por tudo o que esse homem magnífico fez e desfez, merecia, sim, ah, mais do que merecia, deu até vontade de cantar o hino agora! “Ouviram do Ipirangaw”... Que patriotismo fúlgido! O Sr. Bandelo merecia uma coroa, como a da Estát...

Afora a mesquinhez de querer ser o centro das atenções, que ele, o herói, jamais exigia, nada demais para um sujeito tão merecedor, o Sr. Bandelo erguia a cabeça achatada, voltava ao batente, punha o gigantesco indicador na cara dos ladrões e crápulas do país, cumprindo seu dever, dia a dia, fizesse chuva ou fizesse sol no hemisfério norte.

“Podem apelidá-lo, acusá-lo, não adianta, é vão, nada fará efeito, ficará mais forte”, gritavam os seguidores frenéticos, loucos, apaixonados por sua voz singular e sua boca recurvada como o bico de um pássaro, se visto de lado, ou melhor, de perfil, quá-quá. Que insultinho reles e comunista dessas invejosas! Só podia vir





de gente iletrada e manipulada, sem cultura nem estirpe. Heróis sabem ignorar achaques como nobres manequins, posições, tamanha a indiferença divina diante de discursos tão chãos e ideopatas, vindos de criaturas apátridas, criminosos violentos, desses cidadãos malignos.

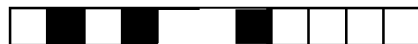
E como talvez me pergunte, descrente e perplexo com o que lê e não percebestes enquanto viveu, como, como o herói resistia a tudo isso? Aos achaques, às injúrias, às denúncias, aos desbragados vazamentos, à violação da Constituição, como resistia? É impossível para um ser humano! Talvez digam, e com toda razão. Para um ser humano, sim; mas, *ora*, isso tudo aí não é nadinha para um herói, o escolhido – que tem poderes acima dos homens, conforme seus assessores atestam, aos milhares. Ele era “inalienável e resiliente, sob o fogo do inferno ou entre a foice e o martelo”. É difícil distinguir a linha que o separa da imortalidade! Estava acima das leis, pela Lei, na Lei e com a Lei própria.

Bandelo não só era a exata medida de Deus, dos homens e das criaturas brasileiras, mas também se parecia com Um, altíssimo, embora se duvide até agora que seja Um, pois se prolifera, como foi dito. Até cineastas, criaturas raras em nosso país, mas se reproduzindo por aí, reconheceram-lhe os dons divinos. E um dos mais renomados e insuspeitos, o Josué Nailha, acolchoava seus colhões de deidade com séries apologéticas.

— Estamos em alta, Senhor. – Disse-lhe um assessor, satisfeito, aos risos, observando a repercussão daquela legenda viva em sua frente, e a proporção do novíssimo mito bandélico que não parava de crescer à medida que se destruía a vilã burrada da esquerda.

Heróis, aliás, não riem. Era sisudo, etéreo, liso. Não daria o júbilo de rir a um mero subordinado, se risse. Deveria se manter tal um busto firme de mármore Karrara, o inquebrantável, polido à Glória. Magnífica escultura íntegra, não como aquela revistinha de quinta categoria, *Vesga*, tentou representá-lo aos pedaços, como





se fosse um mortal de mármore de última categoria! Sua imagem só pode ser representada pelas mãos limpas de um Deuz e ninguém mais/menos que um Rodin seria digno de colocá-lo em um ateliê.

Depois de fazer todo o gesto de Imperador Romanow, comparação mínima, óbvio, aproximativa diante do que de fato é, Ele disse, ou melhor, proclamou-se esta mensagem:

— Eu sei o que sou, a postura mantenha. Ninguém da ingenuidade deve rir dos outros. Eles sabem não o que fazem, de mim diferente, que sei.

— Mas eles ingênuos são?

— Não; que Claro! São braxileiros. De saber precisam útil. Por mim torcem, digo, por nós (poucos entendem que, ao falar “por mim” – a todos se refere; às vezes se corrige, ó autopiedade). O povo somos que trabalha duríssimo o dia todo em Braxília, com auxílio, essenciais aposentadorias, entrevistas dando, do mundo dignos, aos reles se expondo, o dever de ser cumprindo cidadão braxileiro, com toda do mundo bonomia, como bom braxileiro todo da América do Sul, situado neste hemisfério norte. E escrito esteja o dito.

— Existem outros braxileiros que não são daqui? Não acompanhei vosso raciocínio...

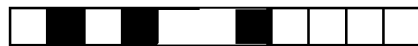
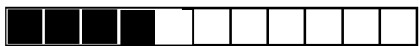
— Sei eu sim... Os inúteis que embora se foram ainda braxileiros são na teoria. Os covardes, sobretudo, perigosos, investigá-los vou quando for oportuno, tenho palestras a dar em parques aquáticos antes. Escute, e não seja inferior como eles: aos tolos refiro-me.

— Verdade. São tolos mesmo, senhor.

“Senhor” aqui, “senhor” ali, quem iria contrariá-lo, logo um herói, o mais puro e inconfundível filho de Deuz? Ah, mister Bandelo! Mais verdadeiro do que si, só mesmo um livro fechado – cujas páginas ainda não foram escritas, puro ilusionismo das cartolas.







Nunca espalhou blefes, ideologias nocivas à sociedade. Criancinhas sabem que sua Lei não se engana. Heróis nunca se gabam disso, aliás, justos como Juízes Supremos nos céus, invioláveis como as teorias da Terra Plana ou da conspiração, sempre agem brutalmente a favor da democracia, pela sua constituição própria, conquistada em ringues.

— Por favor, eu água quero.

E todo o mar visível se curvava. Tudo o que pedia, não confundamos, não se configurava apenas como um desejo, mero pedido de quem precisa de auxílio, mas, sim, em essência, significava uma ordem maior, mais sublime, como a “Ordem e o Regresso” do nosso afamado Braxil instituído. Antes que pudessem cantar o Hino Nacional em louvor dos heróis, em seu nome, telefones do Palácio do Amanhecer explodiam. Que dia triste! registre-se para todo o sempre, até durarmos, é conhecido como O Grumoso Golpe.

— Herói, a mensagem. Eles...

Interrompendo-o:

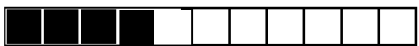
— Prezado... Vi eu. Saia.

Na íntegra, um jornal publica mensagens criminosas, vazamentos que ferem a segurança da pátria dele. É o verdadeiro crime de lesa-pátria! Isso não era possível. Leram mil vezes. Quem iria imaginar que os meios que o Herói utilizou para fins Supremos, fins infundáveis e pétreos, se voltassem contra si! Dói-me na alma sonhar como Ele dormiu a primeira noite depois daquele domingo funesto, ah, quando a montanha pariu um gabiru!

Transcreve-se, à frente, aquilo que, supostamente, é a verdade, algo que se tornara um dos pilares da manipulação contra o Herói e sua inenarrável operação, a *Raso Agora*. Que verdade falseada e forjada dos que se opõem a ele e ao novíssimo presidente! Crimes!

No vazamento de conversas, quando julgou a Jararaca, o suposto Herói começa a confabular, leia-se como *digital*, ao se dirigir a Alan Delon, um iníquo subordinado que acusam, com a graça





das comparações estultas, de ser o “Braço à Direita do Bandelo”; era apenas o Zero-1 na ordem hierárquica da pirâmide política do Palácio do Amanhecer.

A primeira mensagem vazada do além, cujo título ainda me assombra, pelo duplo efeito de verdade e acusação, de muitas criminosas que viriam contra o Herói, foi o Golpe:

A JORNADA DO HERÓI:  
COMO O SR. BANDELO CHEGOU AO PODER

By Deam Paty, do *Parasepsia*, vencedor do prêmio Putz.

— Não fraqueje lá vamos, Alan. É de tempo questão, o sujeito enquadraremos. Eles deve [sic] pagar!

— Mas que pressa é essa? Tenha calma, faça as devidas concordâncias primeiro.

— Tá comigo de brincadeira? Isto *é conversa de celular* aqui, anta. Mais sigiloso *é*. Estão perto as eleições, na cabeça da Jararaca o Grumoso Golpe deve descer, como uma clava forte! O eleito *Líder* será.

— *É verdade, meu Herói. Alguma evidência?*

— Nenhuma! Do jornaleco Só! Aquela dentuça mulher falando sobre nós asneiras! O seguinte Faça, Alan.

— Diz aí, Rusço.

— A investigação agiliza, na mídia põe, de verde e amarelo mexe com os patriotas, os cavalos, gados.

— Aqueles otários que acham que vão resolver tudo só trabalhando?

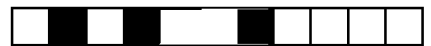
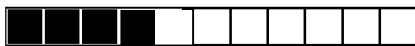
— Sim, aí esses imbecis! Um slide faça, subordinado.

— Bem didático?

[GARGALHADAS DESNECESSÁRIAS FORAM OCULTADAS]

— Sim! E não se esqueça de colocar azuis balões defnidos, bem claros, para o centro apontando.





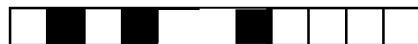
- Pode deixar, meu Herói! Vamos limpar geral, com notícia apócrifa e tudo! O caminho será esse.
- Sim, por um crime de começar vai ter. Ops *não*, crime! Justiça!
- Engraçadinho! Às vezes, precisamos ouvir o clamor do público, acima até dos nossos interesses!
- Desde que nossos méritos não roubem, Alan.
- Mas é claro, meritíssimo. E, aliás, não vou botar a imagem da Jararaca! *É feia*. Tá ficando xou!
- [NOME OCULTADO DO BUSCADOR DE JUSTIÇA SEGUINTE]
- Bandelo, se você declarar que o desgraçado sítio é da Jararaca, coisa que todo mundo sabe que é desde que o mundo é mundo, isso não vai complicar para você. Mas se você negar isso! Vai te complicar...
- Formalidades. Comigo deixe. O showzinho dela, a defesa já fez.
- Pôr no gráfico?
- Total, prezado! De que ninguém te viu comigo mensagens trocando, certifique-se.

No meio do turbilhão de piadas e galhofas dos brasileiros, o Herói bufou desordenadamente aforismos e impropérios! Os comentários difamavam-No até abusar da boa vontade de sua paciência, comparada só à de Jów, “Obscurantistas, criminosos!”.

Alan Delon, o Zero-1, ainda surtando, sem processar as mensagens direito, fazendo as contas na cabeça de quanto dinheiro iria perder (as palestras, os *outdoors*) por causa daquelas revelações irresponsáveis, perguntou para o Herói, um busto de mármore trêmulo, mas finíssimo, ao ler essas postagens pusilânimes que se multiplicavam no país:

— Quem é obscurantista e criminoso, Sr. Bandelo? Eu não entendi... Somos nós?





— Não! Eles são, sua anta! São eles é que são o que dizem, que acham que nós somos.

“Precisamos falar com o Líder novíssimo, e com urgência”, ordenou depois que o burburinho começou a invadir seu lustroso gabinete; mandou todo mundo ir capar o gato.

— Capem o gato! – Pôs as mãos na cintura e, *lost*, andava pra lá e pra cá no Palácio.

Heróis nunca advogam em causa própria, quanta calúnia e deletério! Seria lícito esclarecer isso? Ah, quem o conhece, sabe. És belo, forte e impávido colosso, Herói! O Sr. Bandelo alisa a boquinha. Pensa, reflete, refuta, analisa, julga a si mesmo, embora com menos rigor e, depois de impor-lhe um inquérito íntimo, põe as mãos na cabeça, diz:

— Que furo, *cara*.

O retrato do herói espia o modelo real, perto da janela do gabinete. Jovial, jocoso. Dizia-lhe algo perdido sobre si mesmo, ó imagem gânsica, eterna, irretocável, inumano...

Ah, toda essa fotografia portentosa, por acaso, esse antiquário das mais rutilantes vaidades oníricas do País do Futuro, que observa esse Herói no além, aquele que estamparia o Novo Milênio como o mais puro estandarte da Glória Eterna Brasileira diante das demais nações, jamais iria errar sua previsão nessa miragem! Seria injustiçado.

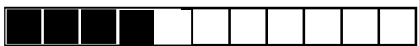
Ele, a resposta para tudo e para todos, nosso querido Herói, representaria a superação das forças diabólicas que regiam o país onde Deus tomara como residência desde a época da escravidão, ou melhor, desde antes, desde sempre! O Sr. Bandelo bufou.

— Eu me vejo no amanhã.

Declarou-se.

A pintura romântica cairia a seus pés, de tanto patriotismo ufano; e a pós-moderna representação do seu ser se fragmentaria em mil Bandelos, ameaçaria até a hegemonia da Mona Liza! Seus pensamentos sobre o país só se aproximam, em dignidade





e concepção artística, aos rascunhos de Pollock, sim! Sentou-se novamente, acariciou a caneta azulada.

— Tenho poderes agora.

Declarou-se.

Se não fosse pelo simples fato de ocorrer um furo... O furo horrível, aquele furinho pequeno, que sopra, que apita quando o balão inflado do Triunfo se esvazia! O balão com gás do menino que voou intrépido, e que agora evacua no cenário aterrador da queda! Limpou uma sujeira invisível no ombro, e deu um soprinho para o recalque passar longe.

— Sou limpo.

Ninguém jamais imaginaria que heróis fossem tangíveis, quer dizer, que sua mínima imagem fosse maculada! Só por tsunamis, rubras ondas, degelos ou asteroides... Ousadia de jornaleco com audiência rala que, online, de *gringo*, no final de semana mais aleatório da história do Brasil, quando todos repousavam em suas casas, vendo programas educativos de domingo, publica irresponsavelmente mentiras às escuras... Não teriam a mínima atenção do público, esta foi a conclusão a que chegaram os assessores bandélicos. A infame e extrema imprensa sempre se utilizou de conteúdo criminosamente adulterado, desejando manchar o herói, o líder. As supostas conversas informais da Operação *Shallow Now* (fez-se a tradução para *Raso Agora*) não a derrubariam nem ao Sinistro da Justiça! Ela, a que mais prendeu criminosos sem provas banais, só com delações e convicção, — escolhidos a dedo, como nunca se viu antes, ah, chegaria ao auge dos auge: o augíssimo...

— Livre estou! — Declarou-se, gélido, contra a tempestade à frente. — Não terá golpe!

Um lutuoso lamento choraminga ao longo do Palácio do Amanhecer, a rolar na longa voz zombeteira do vento que erra pelas ruas esquecidas e esburacadas do país. Mugem soturnamente as águas do lago artificial do jardim daquela nobre construção onde





reside o futuro do Braxil, a política. O céu arde, incendiado pelas mensagens de domingo.

Era o afrontoso evangelho do demônio mudo! Que assalta, sem ruído, e sorrateiro... Invioláveis, o Sr. Bandelo e o Sr. Galamito, reis longínquos, como numa caixa de vidro selada no fundo do mar, protegidos por um gênio chifrudo – governariam sobre toda a ganga impura brasileira na escuridão mais profunda que pode haver na zona da meia noite! Para que ninguém soubesse o que havia por trás da leveza daquele mar iracundo e nos pensamentos de ambos, foram protegidos por esse gênio impetuoso que, de tão gigante, é invisível, toca o céu e o mar, sem que ninguém se lhe note – a mínima presença.

Trasmonta no crepúsculo dos ídolos o fulvo sol patriótico sob a visão ardente dos plexos do juízo do Sr. Bandelo que calcula quanto tempo durará... A natureza assiste, na mesma solitude e na mesma hora melancólica, à agonia do Herói e a agonia daquela tarde.

Cancelara os compromissos, a academia, o jantar – no Chique D'vasso. Ah mazela!

— Ban, Ban...

— Prezado... – Desligou o telefone na cara de Alan Delon, o Zero-1! Queria só ficar.

Lembrou-se de um casamento. Seria Sinistro de Honra da Karola Zamnécia, a Disputada, ex-feminazista, hoje curada, intestino grosso e fino do Sr. Nilias, não poderia faltar. Ligou para o padre Ambrósio, vulgo Pulga (porque se coçava como os diabos), explicou-se, será que não podiam adiar a cerimônia, e ouviu da santíssima pessoa o alívio:

— É no mês que vem, querido.

— Pequei, Senhor... – O herói fraquejara diante daquele cabeçudo aríete, o violador.

— Durma, bom Juiz. A vida é dura, mas uma hora ela tem de amolecer entre as penhas. Não se descabece, do juízo depende o gozo que precisa, pra ser bom, de repouso...

